



S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO IV N.º 41
ABRIL DE 1961

Composição e impressão :
Escola Tipog. da Oficina de S. José
= B R A G A =

Os Cristãos são Testemunhas...

Por mal dos nossos pecados — e já todos o sabem — nós cristãos, vivemos num ambiente bem contrário à doutrina que seguimos. Para o Cristão o que vigora é o espírito os seus superiores princípios. Para o mundo paganizado em que vivemos, o que vale, o que está à frente é a matéria e as suas exigências. Para o cristão a glória de Deus, a salvação da alma, o cumprimento da lei e o respeito pela dignidade humana são coisas primordiais que estão à frente e acima de todas as outras. Para o mundo o que impera é o dinheiro e tudo o que ele representa; o que se procura antes de mais é a satisfação dos baixos apetites, o prazer em todas as suas formas, o alimento de todas as ambições e egoísmos. Quer dizer: para a grande parte dos homens de hoje, primeiro a riqueza, o dinheiro; primeiro o útil o prático, o agradável para o corpo; primeiro, e antes de tudo, o interesse material das propriedades, dos

negócios, do vestir e do comer, do divertir e do gozar. Isto primeiro, depois o resto. E contudo este resto é um resto que é tudo, que é o essencial, mas que desgraçadamente fica mesmo para resto, para último lugar, para depois, um depois que muitas vezes quer dizer: nunca. Numa palavra tudo se resume numa frase muito conhecida e seguida: «Primeiro «disto» e depois Cristo».

É assim o mundo de hoje: paganizado, materialista, gozador e muito amigo de inverter o verdadeiro valor das coisas.

E' neste mundo que nós, cristãos, vivemos; é neste ambiente que o nosso cristianismo tem de crescer, resistir e elevar-se, belo, puro e forte, como os lírios dos pântanos.

Nós, os que vivemos a doutrina de Cristo, temos neste mundo e neste tempo, uma enorme responsabilidade: a responsabilidade

(Continua na terceira página)

Centro Paroquial de Assistência

Por despacho de Sua Excelência o Ministro da Saúde e Assistência de 8 de Março, publicado no Diário do Governo número 65 - III série -, de 17 do mesmo mês, foram aprovados os estatutos do Centro Paroquial de Assistência de São Paio de Antas.

Nos próximos números publicaremos os artigos mais importantes.



Este é um grupo de trabalhadores voluntários

Casas dos Mouros no Monte da Cividade

Todos as conhecem, lá em cima, no Monte da Cividade, as casas dos mouros. Apesar do abandono a que foram votadas, ainda oferecem elementos para uma identificação que não sofre dúvidas.

É preciso dizer-se antes de mais nada que aquelas casas nunca foram dos mouros. Os mouros que no século oitavo, depois da batalha do Crissus percorreram estas terras a caminho da Galiza, demoraram-se por cá pouco tempo, apesar das sucessivas investidas de um dos seus maiores que respondia pelo nome de Almençor.

Não se prenderam de amores por S Paio e nem tiveram tempo para fazer casas, que foi de emergência o seu viver por aqui, nem se deram ao desporto de trepar montes que não eram gente para essas folias.

Como é que então se explica o nome de casa dos Mouros ao castro da Cividade e a outros semelhantes, onde não é raro vaguear a memória de tesouros antigos que ainda ninguém encontrou e de mouras encantadas, tão encantadas que ainda ninguém lhe conseguiu pregar olho?

É que esses castros são de uma época anterior ao nascimento de Cristo, de gente que as gerações cristãs consideram como odiosa e pagã. Chegam os árabes ou mouros muitos séculos depois, trazendo consigo uma religião que se fazia acompanhar de credenciais de excomungada. Há até documentos que os tratam por pagãos. E assim os pagãos antigos vêm a confundir-se com os mouros. Quer dizer: casa de pagãos era o mesmo que casa de mouros. É como casa de mouros os castros celtas foram passando de velhos a novos, nesse desfiar de coisas antigas ao lume do inverno.

★ ★ ★

Por todo o Minho, no alto dos montes abundam as citânias, as cidades e os castros. Eram cidades antigas ou lugares fortificados para defesa das povoações. A posição difícil dos morros facilitava a defesa e abria os longes às sentinelas. Em geral constavam de grupos maiores ou menores de casas primitivas, mas estreitas, uma ou duas séries de muralhas. Aqui perto de nós podemos encontrar destes vestígios no monte da Cividade, no monte do Crasto, no do Castelo, em S. Lourenço, no monte da Cerca

em Vila Chã, no Faro de Palmeira, no cerro da Lapela em Rio Tinto, na Apúlia, na Estela, em Laundos, em Santa Luzia. etc.

Instrumentos de pedra, restos de cerâmica e objectos de adorno aí encontrados dizem-nos que esses povoados têm por vezes mais de 3.000 anos de existência.

Que gente seria essa que se alcandorou pelos visos desses montes?

Sabido é que no ano 3.000 antes de Cristo chegaram os Iberos e os Lígures à Península. Mil anos mais tarde impelidos pela sua vocação comercial temos os Fenícios a sondar as nossas praias. Depois é a vez dos Gregos se apossarem dos mares e do comércio costeiro.

Se dos Fenícios não há notícias nas bandas de S. Paio, o mesmo já se não pode dizer dos Gregos. Um escritor antigo, do 1.º século, Pompónio Mela, falando do rio Neiva diz que este rio deu o nome à cidade de Néhis, fundada pelos gregos no ano de 1372 antes de Cristo.

Há quem diga que essa fortaleza grega foi construída no cimo do Monte do Castelo. Outros porém, colocam-na mais para o interior.

Como quer que seja parece ser de acreditar que os gregos ancoraram na Foz do Neiva, como já o haviam feito na do Cávado, Douro, Ave, Vouga, etc., e o fizeram certamente com intentos comerciais, talvez à busca do estanho e do cobre. Isto nos leva a crer que estas zonas eram já habitadas. Em S. Lourenço, no Monte do Crasto e talvez no Monte da Cividade e no Monte de Antas, haveria já populações fixadas.

Pelo ano 600 antes de Cristo chegam à Península os Celtas, povo aguerrido e selvagem que conhecia já a indústria do ferro.

A luta com os Iberos foi tremenda, os Celtas e Iberos acabaram por se fundir e desse encontro nasceram os Celtiberos. Desta mistura de raças se originaram vários grupos de povos com nomes diferentes, embora às vezes pertencendo à mesma família étnica.

Os Gróvios habitavam o território banhado pelo Ave, Cávado, Neiva, Lima e Minho; é bom dizer-se de passagem que aos gróvios andam muitos problemas ligados que não interessa para aqui explicar.

Foram pois, segundo todas as probabi-

Os Cristãos são Testemunhas...

(Continuação da primeira página)

de darmos testemunho da verdade, da eficácia, da utilidade e necessidade da doutrina de Jesus. Temos de ser luz a indicar aos outros homens que só se vive plena e verdadeiramente a vida, se pusermos em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça.

E este testemunho de verdade, de luz e de autenticidade, tem de ser mais de obras do que de palavras. A nossa vida de cada dia é que deve gritar bem alto a verdade da nossa Religião. Seremos cristãos pouco fervorosos, tíbios, frios, descuidados, engalfados e perdidos nos trabalhos e negócios de todos os dias, é prestarmos um mau serviço à causa do Senhor. Ainda estão de pé as palavras de Cristo: «Nem só de pão vive o homem...»

Que a nossa vida não justifique o que às vezes por aí se diz: «... os que vão à Igreja não são melhores do que nós». A glória de Deus, a salvação da alma, a eternidade, o cumprimento do dever, a dignidade e honestidade da vida, nunca devem sair do nosso pensamento, como verdades principálistimas que são. Procuremos atingir, antes de mais, esta finalidade, que o resto, hoje e sempre virá por acréscimo.

Comunhão Pascal das Crianças

Teve um dia especial esta festa encantadora. Foi no dia 23 de Março.

Às 10 horas a Igreja estava cheia de crianças alegres e buliçosas como revoadas de pombas em dias de sol primaveril.

A missa que se seguiu foi acompanhada com cânticos carinhosa e louvavelmente preparados pelas Senhoras Professoras.

No final, zelosas catequistas serviram o pequeno almoço.

Na sucessão do tempo assim correu a festa. O que teria sido dentro das almas que nela tomaram parte sabe-o Jesus.

Pequeninos das nossas escolas, sede bons! Que nesta bondade se destaquem duas virtudes: o amor ao trabalho (igual a estudo) e a obediência. Trabalhai, obedecei, cumpri e heis-de ser gente grande.

lidades os gróvios que habitaram as casas do Monte da Cidade, alguns séculos antes de Cristo.

Como se deduz do que atrás fica dito é provável que as herdassem já de outros povos anteriores, que por aqui andariam antes da invasão dos Celtas.

E depois dos gróvios outros lhes sucederam como no próximo número se verá.

Atenção ao Mês de Maio

Dizemos muitas vezes a Nossa Senhora: «tu podes, és Mãe de Deus e deves és Nossa Mãe». Para isto ser verdadeiro na nossa boca, é necessário que mostremos por obras e sentimentos que somos verdadeiramente seus filhos. E agora não nos falta ocasião: vem aí o Mês de Maio, mês das flores e da Flor mais bela que saiu das mãos do Divino Jardineiro.

Mês de Maio! Cuidado especial em honrar a Mãe de Jesus. As nossas obras, palavras e sentimentos sejam de filhos queridos e dedicados da boa Mãe do Céu.

Sejamos generosos! Frequentemos as devoções que se realizarão na nossa Igreja. Mandemos as crianças!

Rezámos o terço, à noite, com mais devoção e fervor!

Façamos algum sacrifício para honrar a S. S. Virgem!

Nesta hora trágica e dolorosa da História de Portugal, não podemos esquecer que ela é a nossa Padroeira.

Morrem os nossos soldados em Angola em defesa da Pátria. Morrerão menos e será nossa a vitória, se tivermos do nosso lado a Rainha do Céu. Rezámos

S. José Operário

Celebra-se no dia 1 de Maio a festa dos trabalhadores. Nós, com a Santa Igreja, celebraremos a festa dos trabalhadores cristãos prestando homenagem ao seu excelso patrono: S. José.

O cristianismo fez do trabalho princípio de elevação, de dignidade e honra, de santificação. E porque no mundo actual há quem faça dele princípio e motivo duma revolução materialista, destruidora e injusta, por exagerada, têm os trabalhadores cristãos de contrapor ao grito de ódio dos escravos comunistas, o brado de liberdade, de justiça e de amor da doutrina da Igreja acerca do trabalho e dos trabalhadores. Temos reais e sagrados direitos, mas temos também verdadeiros e inesquecíveis deveres. É por isso que, a Santa Igreja propõe S. José como modelo dos operários. Porque a principal revolução deve começar por eles e de dentro para fora. Respeito pela própria dignidade, justiça, consciência, moderação, obediência. E isto para patrões e para operários.

Nós, entretanto, pediremos a S. José a sua protecção para que a nossa revolução interior continue. Uma revolução que nos assemelhe cada vez mais a dignos e honestos trabalhadores, tal como ele, S. José, foi.

Nesse dia haverá Missa à tarde, para que todos, mas especialmente os operários, possam prestar as devidas honras ao seu celeste e glorioso Padroeiro.

Baptizados

José Meira de Abreu, filho de Manuel Martins de Abreu e de Carolina Rodrigues Meira, residentes no lugar de Belinho, foi baptizado a 29/3.

José da Cunha Plácido, filho de Manuel Salgueiro Neto Plácido e de Amélia Lapeiro da Cunha, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizado a 4/4.

António Correia Vieira, filho de António Pires Vieira e de Isaura Alves Correia, residentes no lugar do Monte, foi baptizado a 9/4

Olívia Maria da Cruz Viana, filha de António Rodrigues Meira Viana e de Emília da Cruz Viana, residentes no lugar do Monte, foi baptizado a 9/4.

Fernando Manuel Gonçalves Ledo, filho de Domingos Ferreira Martins Ledo e de Olívia Gonçalves, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizado a 9/4.

Manuel Augusto Laranjeira Pereira, filho de Manuel da Costa Gonçalves Pereira e de Carolina Pires Meira Laranjeira, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizado a 12/4.

Partiram

Manuel da Costa Rolo, de 21 anos, partiu para a Argentina.

Manuel Fernandes Lopes e António Viana Caramalho para a vida militar.

Se a Pátria vos exigir maiores sacrificios não lhos negueis.

Servir a Pátria é obrigação de todos. cada um no lugar que lhe for destinado.

|||
As paredes
do
CENTRO
PAROQUIAL
vão
surgindo...
|||

Obito

Ana Gonçalves Ribeiro, de 75 anos, viúva de José Alves de Azevedo, faleceu a 21 de Março.

Paz à sua alma.

Recebemos

Clara da Silva, Lisboa	20\$00
Eduardo Viana da Cruz, Angola .	20\$00
Daniel Vicente Rei, Terras de Bouro	20\$00
Manuel Pedreira Rodrigues, França	50\$00
Bernardino Gonçalves da Torre,	
Brasil	50\$00
Amândio Rodrigues Meira, Trofa .	20\$00
António Martins Vitorino, Porto .	50\$00
Rosa Rodrigues Meira, Lisboa . .	50\$00
Hilário Azevedo Sá, Argentina . .	50\$00
Manuel Gonçalves Rolo, Porto . .	20\$00
Amândio Afonso Sampaio, Argentina	600\$00

O Sr. Armando Pacheco Azevedo entregou 1.000\$00 para serem distribuídos por 20 pobres. Assim foi cumprida a vontade do Dr. Ernesto Alves de Azevedo, há dias falecido na cidade do Porto.

Preceito Pascal

O terceiro mandamento da Santa Igreja manda comungar pela páscoa da ressurreição. Se és cristão e queres ser obdiente aos mandamentos e ainda não cumpriste este, poderás fazê-lo até ao domingo da SS.^{ma} Trindade, 28 de Maio.

